

PRIMO LEVI E CHALÁMOV¹: TESTEMUNHOS
PRIMO LEVI AND SHALAMOV: TESTIMONIES

Andrea Zeppini Menezes da Silva²

RESUMO

Primo Levi foi passar um ano em Auschwitz e escreveu a maior parte de sua obra contando essa experiência. Chalamov passou dezessete anos em campos de trabalho do GULAG: sua principal obra, *Contos de Kolimá*, é um misto de memória e ficção sobre essa fase. O presente trabalho visa aproximar esses dois autores, pela alta qualidade literária de seus escritos, por sua prosa dura e sem concessões, pelos testemunhos que legaram.

PALAVRAS-CHAVE

Primo Levi, Chalamov, testemunho

ABSTRACT

Primo Levi spent a year in Auschwitz and wrote the most of his work about this experience. Shalamov spent seventeen years in GULAG labor camps: his main work, *Kolyma Tales*, memory and fiction, is about this phase. This paper aims to approach these two authors, for the literary quality of their works, for their hard prose, for their testimonies.

KEYWORDS

Primo Levi, Shalamov, testimony

INTRODUÇÃO

¹ Segundo a tabela de transliteração do russo para o português mais aceita atualmente, o nome Шаламов se translitera desta forma: Chalamov, e não Shalamov, como no inglês e em outras línguas.

² Doutoranda no programa de Cultura e Literatura Russa, Departamento de Letras Orientais, na Universidade de São Paulo.

Primo Levi nasceu em 1919, em Turim, cidade onde morreu, em 1987, em sua casa. Especula-se ter se tratado de suicídio. Foi químico e escritor. Foi detido pela milícia fascista em 1943, com 24 anos, quando fazia parte de um movimento de resistência à ocupação alemã denominado “Giustizia e Libertá”, um grupo mal armado e mal preparado. Nos interrogatórios que se seguiram declarou sua condição de “cidadão italiano de raça judia”, pensando com isso evitar a tortura e a morte. E como judeu foi mandado para um campo de triagem em Fóssoli e de lá para Auschwitz, onde ficou durante quase um ano. Dos 650 judeus deportados com ele, apenas vinte voltaram (LEVI. 1988. Pp. 11-12).

A maior parte de sua obra vem de suas memórias como deportado. Começa com *É isto um homem?*, que foi escrito ainda na década de 40, dois anos após o fim da Segunda Guerra e da libertação de Levi do campo. *A Trégua*, publicado em 1963, narra a longa volta para casa, depois da libertação do campo pelo Exército Vermelho. *Afogados e Sobreviventes* foi escrito 40 anos depois do primeiro: além das memórias, essa obra traz reflexões sobre o campo e sobre os testemunhos sobre o campo. Trabalha com algumas questões a que os sobreviventes, sobretudo os sobreviventes que escreveram, que contaram suas memórias, se depararam: “por que vocês não fugiram? ”, “por que vocês não se rebelaram? ”, “por que vocês não escaparam antes? ” É principalmente sobre esses livros que se apoia o presente trabalho. Levi é um dos autores mais importantes, sem dúvida, a escrever sobre a *Shoah*, por seu olhar equilibrado, ponderado, que não se rende ao ódio, ao perdão ou a sentimentos de vingança. Em sua obra, busca compreender seus ofensores, não para perdoá-los, mas para melhor julgá-los e puni-los.

Chalámov nunca esteve em Auschwitz, nem era judeu: sua história se passa em terras mais geladas. Russo, nasceu em Vologda em 1907 e morreu em Moscou, 1982. Em 1927, quando estudante na Faculdade de Direito, em Moscou, entrou para um grupo de jovens trotskistas. Em 1929 foi preso tentando imprimir e divulgar o “Testamento de Lênin” ou “Carta ao Congresso”, texto de 1922 em que o líder bolchevique critica Stálin. Cumpre uma pena de 3 anos em Solovki, um dos primeiros campos do que viria a ser o complexo sistema de campos mais tarde denominado GULAG (que significa Direção Geral dos Campos). Solto em 1932, é preso de novo em 1937, durante o grande expurgo,

quando milhares de pessoas foram presas ou executadas. É mandado para Kolimá, para cumprir uma pena de 5 anos. Passa por minas de ouro, de carvão, campos de trânsito, de castigo, fica tão fraco que atinge o estado terminal e chega a quase morrer. Em 1943, por afirmar que Búnin³ era um clássico, recebe uma pena de mais 10 anos. Passa 17 anos de sua vida em campos do GULAG, sendo salvo apenas pela sorte. Nos últimos anos conseguiu cumprir sua pena trabalhando como enfermeiro dentro do hospital, porque um médico se interessara por ele e o escolheu para fazer o curso para isso. Pura sorte, puro acaso. Sua pena termina em 1951, mas só é reabilitado em 1956, o que lhe permite voltar para Moscou.

Sua principal obra é *Contos de Kolimá*, memórias literárias sobre os 17 anos de reclusão. Começa a escrevê-los em 1954 e termina em 1973. No final da década de 70, já muito debilitado, praticamente surdo, vai morar em uma casa de repouso para deficientes. No início de 1982 o transferem, à força, para uma instituição psiquiátrica, o que foi o mesmo que lhe dar uma sentença de morte. Morre três dias depois, sem conseguir que seus contos fossem publicados em seu país, o que só aconteceu no final da década de 80. No Brasil, Chalámov ainda é um ilustre desconhecido: apenas este ano os *Contos de Kolimá*, na íntegra, começam a ser traduzidos por aqui.

Levi e Chalámov são autores que se sobressaem em meio à enorme quantidade de escritos sobre a *Shoah* e sobre o Gulag pela sobriedade da prosa, pela qualidade artística e pela qualidade das reflexões sobre suas experiências no campo. Memória e criação artística. O presente trabalho busca traçar alguns paralelos entre os dois autores que conheceram universos concentracionários terríveis e cujos testemunhos nos contam, não só sobre os campos em si, mas também sobre nosso tempo e sobre os homens de nosso tempo.

APRENDER E DESAPRENDER: O SIGNIFICADO DA EXPERIÊNCIA DO CAMPO

³ Ivan Alekseiévich Bunin (1870-1953) foi um escritor russo, ganhador do Nobel de Literatura em 1933.

Primo Levi, que passou um ano em Auschwitz, reflete sobre o “aprendizado” de sua experiência no campo. Em primeiro lugar, se pergunta “se vale mesmo a pena, se convêm de que tal situação humana reste alguma memória”. Sua resposta é sim: “estamos convencidos de que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas; de que se podem extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre positivos) desse mundo particular que estamos descrevendo”. E continua: “Desejaríamos chamar a atenção sobre o fato de que o Campo foi também (e marcadamente) uma notável experiência biológica e social” (LEVI. 1988. P. 88).

Em *Afogados e Sobreviventes* (2004), Levi explica melhor essa convicção, com uma postura distanciada que conseguira adotar durante seu período de Auschwitz: a “de não permanecer jamais indiferente aos personagens que o acaso me apresenta. São seres humanos, mas também ‘amostras’, exemplares de um catálogo, a serem reconhecidos, analisados e sopesados”. E, mais importante, essa atitude de curiosidade em relação a essa “amostra”, que atribui ao seu ofício de químico, “contribuiu para manter viva uma parte de mim e que, posteriormente, me forneceu matéria para pensar e para construir livros”. Para Levi, “o lager foi uma universidade; ensinou-nos a olhar em redor e a medir os homens” (pp. 120-1). Por isso ele se sente autorizado a escrever:

Os melhores historiadores dos Lager, assim, surgiram entre os pouquíssimos que tiveram a habilidade e a fortuna de alcançar um observatório privilegiado sem se dobrarem a compromissos, bem como a capacidade de narrar tudo o que viram, sofreram e fizeram com a humildade do bom cronista, ou seja, considerando a capacidade do fenômeno Lager e a variedade dos destinos humanos que aí se registrava (LEVI. 2004. p. 15).

O “observatório privilegiado” de Levi foi o trabalho como químico em um laboratório, o que o livrou do frio e dos trabalhos mais pesados, possibilitando a sua sobrevivência.

Para Chalámov, o significado da experiência no campo foi radicalmente diferente. Bem longe do aprendizado de Levi, do Lager como uma universidade, o campo para Chalámov foi apenas negativo, concepção que o diferencia da grande maioria dos autores que escreveram testemunhos:

O autor dos *Contos de Kolimá* considera negativa para o homem a experiência do campo, desde a primeira até a última hora. O homem não deve saber, não deve nem mesmo escutar sobre isso. Nenhum homem se torna melhor ou mais forte depois do campo. O campo é uma experiência negativa, uma escola negativa, depravação para todos – para a administração e para os presos, para os guardas de comboio e para os espectadores, isto é, para os passantes e para os leitores de literatura de ficção⁴ (CHALÁMOV. 1965a).

Ainda que o campo seja uma escola negativa, Chalámov leva essa experiência para a esfera da arte e então pode dizer que não há nada em sua obra que não seja a superação do mal pelo bem (CHALÁMOV. 1965a). Talvez por isso escreva: para transformar o que viveu em outra coisa e poder depois esquecer.

Chalámov e Levi viveram suas experiências de modos diversos. Em um ano de Auschwitz, Levi começou como um preso comum que por sorte falava um pouco de alemão e por isso pôde se proteger de alguns golpes, coisa que os deportados estrangeiros que não entendiam as ordens dos SS não puderam evitar. Depois, Levi teve a sorte de ser escolhido para trabalhar em um laboratório, evitando assim o frio intenso e os trabalhos mais pesados, o que foi um fator fundamental para sua sobrevivência. Em 17 anos de Gulag, Chalámov chegou ao fundo do poço, chegou ao estado terminal por diversas vezes, sendo salvo, assim como Levi, pela sorte. Conheceu surras diárias, a fome crônica, doenças, frios de sessenta graus negativos, a extenuação pelo trabalho. Assim como Levi, conheceu a perda total da esperança. Chegou a *dokhodiagi* (na gíria do campo russo significa “o que está para morrer”), ou *fitil* (que significa pavio), mas teve a sorte de cumprir seus últimos anos de pena como enfermeiro, ou seja, longe das minas e do seu trabalho mortífero.

Levi sabe que não chegou ao fundo no grau de destruição humana. Para o químico italiano, essa era uma questão ao contar suas memórias: “(...) hoje se pode bem afirmar que a história dos Lager foi escrita quase exclusivamente por

⁴ Автор «Колымских рассказов» считает лагерь отрицательным опытом для человека – с первого до последнего часа. Человек не должен знать, не должен даже слышать о нем. Ни один человек не становится ни лучше, ни сильнее после лагеря. Лагерь – отрицательный опыт, отрицательная школа, растление для всех – для начальников и заключенных, конвоиров и зрителей, прохожих и читателей беллетристики.

aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo.” (LEVI. 2004. P. 14). A verdadeira testemunha não voltou para contar:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. (...) Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo: mas são eles, os ‘muçulmanos’, os que submergiram _ são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral (LEVI. 2004. P. 72).

Segundo Agamben (2008. P. 16),

o testemunho do sobrevivente somente repousa sobre essa impossibilidade de autenticidade e sobre o reconhecimento dessa impossibilidade, sobre a consciência aguda de que aquilo que pode _ e deve _ ser narrado não é essencial, pois o essencial não pode ser dito (AGAMBEN. 2008. P. 16).

Esse paradoxo impõe limites à narração, adicionando-se aos impostos pelo esquecimento, pelas deturpações a que as lembranças estão sujeitas, seja pelo passar do tempo, seja pelo ponto de vista limitado, pois “nós, tocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só nosso destino, mas também aquele dos outros, dos que submergiram: mas tem sido um discurso ‘em nome de terceiros’, a narração de coisas vistas de perto, não experimentadas pessoalmente” (LEVI. 2004. P. 73).

“Muçulmanos” era a forma como eram chamados os que “tatearam o fundo” nos campos alemães, um paralelo de *dokhodiagi*. Eram prisioneiros que já tinham perdido todo resquício de humanidade: nem emoções nem sentimentos, derrubados pela fome, doença, surras, trabalhos pesados, já não tinham mais forças para sentir, desejar, agir. Arrastavam-se pelo campo, encurvados, obcecados por um pedaço de pão, olhos mortos, até a morte. Segundo Agamben (2008. P. 14), muçulmano

é o preso sem rosto que abdicou da luta, que não pode mais nem ser chamado de vivo nem de ter uma morte que mereceria esse nome. Figura da extrema desfiguração, o ‘muçulmano’ é o não-homem que habita e ameaça todo ser humano, a redução sinistra da vida humana à vida nua.

Para Levi, é a imagem de nosso tempo.

Chalámov é um dos raros casos em que um *fital* volta para contar sua história. Em “Sententia”⁵, ele descreve a recuperação do prisioneiro que volta do mundo dos mortos, contradizendo Levi, que acreditava que quem tocou o fundo, não voltou para contar.

Colocado em um trabalho leve, o de ferver água em uma expedição para encontrar carvão, o narrador está perto do fim: “Em mim havia pouco calor. Era pouca a carne que me restava nos ossos. Aquela carne bastava somente para a raiva, o último dos sentimentos humanos. Não era a indiferença, e sim a raiva, o último dos sentimentos do homem, o que se achava mais perto dos ossos”⁶ (CHALÁMOV. 1965b). E com raiva, o narrador se dispunha a morrer. “Mas a morte, tão perto havia tão pouco tempo, começou pouco a pouco a separar-se de mim. E, contudo, o que veio substituir a morte não foi a vida, mas um estado de semi-inconsciência, uma existência impossível de formular, mas que não se pode chamar de vida”⁷ (CHALÁMOV. 1965b), como o “muçulmano” descrito por Agamben.

Voltaram a indiferença, o medo, a inveja. Só o amor não voltou, os homens precisam muito pouco de amor, segundo o narrador: “O amor chega por último, é o último a regressar; será que regressa mesmo?”⁸ (CHALÁMOV. 1965b).

Vivendo durante muitos anos sem livros ou periódicos e se servindo para a comunicação de um vocabulário de não mais que vinte palavras, o narrador se assusta quando surge em seu cérebro uma palavra inútil na taiga: *sententia*.

Ficou uma semana tentando compreender a palavra, repetindo-a, pensando. “E ao cabo de uma semana compreendi, e me estremeci de medo e de alegria. De medo, porque me espantava regressar a um mundo para o qual

⁵ *Сентенция; sententsia* (1965); disponível em <http://www.shalamov.ru/library/3/26.html>

⁶ У меня было мало тепла. Не много мяса осталось на моих костях. Этого мяса достаточно было только для злости – последнего из человеческих чувств. Не равнодушие, а злость была последним человеческим чувством – тем, которое ближе к костям.

⁷ Но смерть, такая близкая совсем недавно, стала понемногу отодвигаться. Не жизнью была смерть замещена, а полусознанием, существованием, которому нет формул и которое не может называться жизнью.

⁸ Любовь приходит последней, возвращается последней, да и возвращается ли она? Но не только равнодушие, зависть и страх были свидетелями моего возвращения к жизни. Жалость к животным вернулась раньше, чем жалость к людям.

me haviam fechado as portas. E de alegria, porque comprovava que a vida voltava a mim alheia à minha própria vontade”⁹ (CHALÁMOV. 1965b).

NARRAR O HORROR: A LITERATURA DE TESTEMUNHO

Tanto Chalámov quanto Levi podem ser incluídos no que passou a se chamar, após a Segunda Guerra, de literatura de testemunho. A palavra “testemunho” carrega dois sentidos: o de *testis* (testemunho de um terceiro, alguém que viu o que aconteceu e por isso pode testemunhar) e o de *superstes* (testemunho de quem passou pela experiência e por isso pode testemunhar). Os dois autores tem esse duplo papel em seus testemunhos, já que narram o que viveram, mas também o que viram. Segundo Seligmann (2005), “literatura de testemunho” não é um gênero literário, mas um aspecto da literatura. Depois da Segunda Guerra Mundial, sobretudo a partir dos anos 70, estudos sobre uma literatura originada nas catástrofes do século XX, com um alto “teor testemunhal”, cresceram muito. Esse teor testemunhal é muito marcado quando se trata de expressar temas-limite, que desafiam nossa percepção e capacidade de expressão. Por isso marcam a literatura sobre a *Shoah*, a luta contra a ditadura e injustiça social na América Latina e também a literatura sobre o GULAG. A concepção de literatura de testemunho propõe uma outra forma de analisar a literatura, para além da pressuposição da existência de paradigmas ou conceitos universais, que se revelaram ocultos diante das catástrofes do XX. Essa concepção carrega em si “o discurso da memória, a teoria do trauma e reflete primordialmente sobre as *aporias da (re) escritura do ‘passado’ (...)*” (SELIGMANN. 2003. P. 42).

A NECESSIDADE DE ESCREVER

Para Chalámov, escrever é necessidade:

⁹ А через неделю понял – и содрогнулся от страха и радости. Страх – потому что пугался возвращения в тот мир, куда мне не было возврата. Радости – потому что видел, что жизнь возвращается ко мне помимо моей собственной воли.

Chega um momento, em que um insuperável desejo de externar essa opinião, dar-lhe vida real, domina o homem. Essa vontade obsessiva adquire caráter de intenção resoluto. E você não pensa mais sobre outra coisa. E quando [você percebe] que se sente novamente com aquela força, como naquele tempo, quando lidava na vida real com os acontecimentos, pessoas, ideias (talvez essa força seja outra, de outra proporção, mas agora isso não importa), é quando o sangue quente corre novamente pelas veias...¹⁰ (CHALÁMOV. 1965a).

A urgência de comunicar já estava presente no campo, embora junto com o medo de não ser ouvido, comum a todos os prisioneiros, como mostra o sonho recorrente de Levi:

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual??), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do *Kapo* que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem que me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes: falam entre si de outras coisas, como seu eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio (LEVI. 1988. P. 60).

Tanto Levi quanto Chalámov contam o horror sem lamentação, sem espetacularização: palavras secas, apenas o essencial, sem tentativas de consolo. Para Gagnebin, é preciso “evitar uma estetização do sofrimento”, ou seja, “só se pode, paradoxalmente, respeitar a memória dos mortos e a experiência-limite dos sobreviventes se se acolhe o silêncio e a interrogação que provocam; ou ainda, (...) se se obedece ao interdito da reconciliação, mesmo estético-literária” (2000. P. 108).

É preciso sempre manter um olhar crítico ao narrar, não sucumbir ao gozo do sofrimento, às imagens que levam o leitor a se perder na compaixão e até mesmo na indiferença, na insensibilidade, pelo excesso de informação. Para Hartman (2000. P. 219),

¹⁰ Наступает момент, когда человеком овладевает непреодолимое чувство поднять этот вывод наверх, дать ему живую жизнь. Это неотвязное желание приобретает характер волевого устремления. И не думаешь больше ни о чем. И когда (ощущаешь), что чувствуешь снова с той же силой, как и тогда, когда встречался в живой жизни с событиями, людьми, идеями (может быть, сила и другая, другого масштаба, но сейчас это не важно), когда по жилам снова течет горячая кровь...

um realismo maciço sem qualquer consideração por uma restrição da representação e na qual a profundidade da ilusão não seja equilibrada pela profundidade da reflexão, não simplesmente dessensibiliza, mas produz o oposto do que era sua intenção: um *efeito de irrealidade* (...).

Ainda que o autor também afirme que esse *efeito de irrealidade* não seja, necessariamente, alienante, mas sim uma ponte de empatia entre o leitor e a obra de arte. Se, por um lado, a narrativa literária de um evento traumático corre o risco de colocar esse evento nos moldes conhecidos, amenizando-o, de certa forma, também pode abrir portas para a transformação desse evento em experiência. Tanto na prosa de Chalamov quanto na de Levi não há amenização, talvez por isso seja tão forte o impacto em seus leitores.

Para Kehl (2000. P. 145) o escritor não deve cair no gozo da abjeção, não deve “dizer o real todo”, pois isso traz ao leitor um efeito de reflexão, ao invés de intoxicação, “produz outra ética também: a que consiste em implicar o leitor na continuação da escritura e responsabilizá-lo através do pensamento”. Chalamov e Levi não deixam, talvez, de “dizer o real todo”, mas encontram formas artísticas para mediar a violência entre a memória e o leitor, propondo a este que reflita, mas não impedindo que se emocione, pois é preciso que Auschwitz e Kolimá não se repitam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo. 2008
- HARTMAN, Geoffrey H. “Holocausto, testemunho, arte e trauma” in NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta. 2000.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie.. “Palavras para Hurbinek”, in NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta. 2000.
- KEHL, Maria Rita. “O sexo, a morte, a mãe e o mal”, in NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta. 2000.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra. 2004
- _____. *A Trégua*. São Paulo: Companhia das Letras. 2010
- _____. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco. 1988
- SELIGMANN-SILVA, M., “Testemunho e a Política da Memória: O Tempo

depois das Catástrofes”, in: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, no. 30, “Guerra, Império e Revolução”, pp. 31-78, jun. 2005.

_____. “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento” in SELIGMANN-SILVA (org). *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CHALÁMOV, Varlam. *O прозе* (Sobre a prosa). 1965a. Disponível em <http://www.shalamov.ru/library/21/45.html>

_____. *Сентенция*; (Sententsia) 1965b. Disponível em <http://www.shalamov.ru/library/3/26.html>

_____. *Шерри-бренди* (Cherri-Brendi) 1958. Disponível em <http://www.shalamov.ru/library/2/14.html>